

“Pra curar tem que ter fé: Curandeiros, Benzedoras e Rezadores – memórias de indivíduos numa perspectiva Histórica

Ronald Felipe Barreto de Sousa*

Resumo

Ao falarmos de curandeiros e de práticas populares de cura, nos entremos na cultura e nas artes de fazer de indivíduos de comunidades rurais ou mesmo do meio rural, não se restringindo somente a esses espaços. Nossa pesquisa tem como objetivo perceber as práticas desenvolvidas por esses indivíduos, trazendo suas histórias para serem analisadas por nós historiadores. Nosso foco será nas histórias de vida desses atores sociais, percebendo o despertar para as práticas de cura. O espaço que selecionamos para percebermos essas práticas são três comunidades rurais do município de Jaguaruana-Ce, São José do Lagamar, Giqui e Antonópolis, onde percebemos que essas práticas tenderam a de alguma forma ser mais desenvolvidas.

Palavras-chave: Práticas de Cura-Memória-História.

Práticas de cura e o Historiador

A função do historiador, no seu *métier*,¹ é construir narrativas históricas que possam atrair em seu sentido histórico e que comportem um nível de compreensão do que teria sido o passado. Não que exista verdade absoluta ou que a mesma não possa ser desconstruída ou “modelada com uma nova verdade”. Para nós historiadores, verdade é sinônimo de preocupações e inquietações, pois nos instigam a perceber como essas verdades se gestaram.

O presente artigo tem como objetivo analisar as práticas de curandeirismo em Jaguaruana, a partir da memória de curandeiros (as). Estudar as práticas de cura das benzedoras e rezadores do município de Jaguaruana, localizado no Vale do Jaguaribe se faz necessário. São a partir dos saberes desenvolvidos e recreados por eles que nossa pesquisa procura se entremear, perceber suas memórias, suas construções históricas e as contribuições que deram para a formação da sociedade Jaguaruanense . Para nós que

* Universidade Estadual do Ceará (UECE) / Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM). Graduando em História, bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET).

tomamos as práticas de cura como fonte de nossa pesquisa, as memórias desses indivíduos são fundantes e tem a necessidade de serem tratadas com a fineza que tem o historiador ao tratar as fontes e os fatos.

Curandeiros, boticários e médicos: breve histórico sobre as práticas de cura

Nos tempos da colônia, as instituições médicas ou mesmo voltadas para esse fim eram muito escassas ou inexistentes, escolas de formação ou mesmo universidades ainda não existiam ou estavam em constituição, falamos isso no século XVIII, período onde a ciência na Europa já estava em grande desenvolvimento, no caso do Brasil essa medicina institucional ainda não era expressiva, quando em 1772 no Rio de Janeiro no reinado do vice-rei dom Luiz de Almeida Portugal é fundada a Academia Científica, que recebia também a designação de Sociedade de História Natural e Academia Fluminense Médica, Cirúrgica, Botânica, e Farmacêutica. Sendo realizados alguns estudos, mas que eram muito frágeis e que faziam a medicina no Brasil “engatinhar”, evidencia-se assim nas artes de curar na colônia. (MIRANDA: 2004, 266)

A sociedade fluminense era composta por várias seções, como as da medicina, cirurgia, farmácia, botânica. A academia se extinguiu, em 1779, com o término, do governo do Marquês de Lavradio. Certamente os homens de ciência, no Brasil Colonial, encontraram enormes dificuldades relacionadas à transmissão e ao intercâmbio do conhecimento científico.

A falta de especialista na área se dava em parte pela decorrência dos baixos salários e das precárias condições de vida na colônia. A precariedade e a questão salarial provocaram grande escassez desses profissionais em toda a colônia. A escassez desses profissionais possibilitou com que os princípios e as práticas da medicina grega fossem usadas, exercidos por pessoas muito pouco habilitadas ou com nenhuma habilitação profissional, ou seja, cirurgiões-barbeiros ou simplesmente barbeiros. Essas funções eram exercidas boa parte por negros, que podiam realizar “sangrias, sarjar, lançar ventosas e sanguessugas. Exercendo essas funções e práticas em todo o território ultramarino. “Usando todo o arsenal hipocrático, os cirurgiões-barbeiros aplicavam sangrias, ventosas, cautérios, lancetavam abscessos e, é claro, extraíam dentes” (MIRANDA: 2003, 269)

Dotados de uma formação deficiente, os chamados *doutores itinerários* exerciam suas artes de curar por toda a colônia, a pé ou a cavalo levando seus saberes as mais longínquas regiões. As atividades do profissional nas artes de curar dependia de

uma carta de aprovação, atestando que o mesmo estava apto para realização de determinados procedimentos, sendo essa aprovação dada pelo cirurgião-mor do reino ou por legítimos representantes na colônia dos saberes médicos. Isso era exigido pela legislação do império, mas pelo Brasil em sua dimensão continental essa fiscalização era falha, sendo assim essas aplicações da legislação do império não ocorriam e favoreceram assim o surgimento de uma medicina empírica, supersticiosa e extravagante.

O receituário da época era repleto de receitas e práticas esdrúxulas, sendo desconsiderado pela medicina portuguesa, sendo na maioria das receitas e práticas evidente o uso de plantas medicinais. O uso de ervas e raízes nativas, utilizadas na cura de várias doenças que até hoje são reconhecidas pela medicina. Esse uso de plantas medicinais muitas vezes surtia mais efeito do que os utilizados pela medicina galênica.

A medicina popular apresenta recomendações estranhas e supersticiosas. Luiz Gomes Ferreira cirurgião português exerceu medicina na Bahia na primeira metade do século XVIII, publicando em 1735 em Portugal um importantíssimo instrumento para a medicina denominado *Erário Mineral*, nesse estudo se encontrava um receituário com uma série de remédios singulares como: (MIRANDA: 2003, 269)

Para cair um dente, sem ferro, nem violência alguma, se recomendava o toque com um dente de um defunto morto por pura velhice, para aborrecer a bebida aos bêbados, dar vinho onde teria se afogado duas ou mais enguias vivas ou deitar em infusão uma fatia de pão que estivesse duas horas no sovaco de um agonizante.

Percebemos assim como se gestavam os saberes e os conhecimentos medicinais no período da colônia, imbricados de superstição e estranheza.

A decorrência de baixos salários, da precariedade das condições de vida na colônia, o medo da medicina oficial e a ausência de profissionais, fizeram com que a grande maioria da população ficasse dependente dos serviços de “bruxos”, curandeiros e rezadores. O homem da colônia tinha a percepção de que todo mal que lhe advinha era em decorrência de demônios e influências malignas, sobretudo as doenças, pensava-se que um simples olhar poderia reproduzir danos às pessoas, principalmente em crianças e animais domésticos, o método que se encontrou para fugir disso foi o uso novamente de plantas como a arruda, que se pensava poder ela remediar os males e afastar o “mal olhado”, se usando as mulheres nas roupas, no cabelo, na orelha ou no nariz e as

mulheres brancas nos seios, sendo assim usadas como amuletos, talismãs para fugir dos sortilégios.

Essas práticas foram alvo de perseguição feita pelo Santo Ofício, ao qual buscava dar fim nessas crenças e práticas tidas como demoníacas e não aceitas aos olhos da igreja católica, feita a perseguição implacável aos curandeiros, acusados de bruxaria e charlatanismo, sendo esses termos e práticas substituídos ao longo do século XVII por benzedores e santos milagreiros, sendo que nessa época a medicina popular tinha grande aceitação pela sua capacidade de chegar as partes mais longínquas do Brasil colonial, onde a medicina e assistência medica não chegavam. Sendo assim, a resistência ao saber oficial se fazia evidente, onde a população preferia ser atendida por um curandeiro do que por um médico formado em academia.

Laura de Mello e Sousa no livro *O Diabo e a Terra de Santa Cruz* evidencia em diversas passagens a perseguição sofrida por esses curandeiros e feiticeiros no Brasil no período da colônia. A religiosidade popular no Brasil teve amplo crescimento no século XVIII, ampliando seus horizontes com traços católicos, africanos, indígenas e judaicos, favorecendo assim o crescimento do número de curandeiros, rezadores e benzedores, eles com suas palavras mágicas e santas buscavam por aplacar os males dos homens, curando os doentes e afastando os maus olhados.

As artes de curar em Jaguaruana, Ce: Práticas e fazeres

Algumas problemáticas e reflexões pretendemos desenvolver com esses curandeiros, que irão dar aporte para a escrita da história. Perceber como se constituíram as práticas de cura. Como em meio ao saber médico essas práticas continuam. Discutir a importância da preservação da memória desses indivíduos. Em que medida as práticas de curandeirismo contribuíra para a constituição de novos saberes. Compreender a contribuição que essas mulheres e homens deram para constituição da chamada medicina popular. Como despertaram para as práticas de cura e o resultado na vida dele (as). São pontos que por nós foram elencados como base de nossa pesquisa.

Sendo ele (a)s herdeiro (a)s de uma tradição que deve ser percebida no referido espaço, ou seja, Jaguaruana. São elas mulheres na maior parte, mas há a presença de homens também. Percebemos assim, que as práticas de cura abrangem gêneros,

evidenciando a presença de homens, notamos que o curandeirismo não se restringe apenas as mulheres, mas se estende também aos homens. Não estamos aqui querendo pontuar ou fazer distinção social ou de gênero, mas apenas mostrar que não é uma prática que se restringi a determinado sexo, dando assim as práticas de cura um pluralismo que a faz tão fascinante.

O agente da medicina popular é a mãe de família, o homem do povo, a avó e a parteira, em muitos locais. É a mãe de família quem socorre a criança, o adulto enfermo, o velho. Os procedimentos adotados são sempre inspirados nessas pessoas que, de geração em geração, vão aprendendo e transmitindo o seu saber médico²

Os homens que rezam se diferenciam de algum modo das mulheres, pois as mesmas curam quebranto, espinhela caída, dor de dente e tantas outras mazelas, enquanto os homens rezam em seres humanos, mas também em animais ou de alguma forma, rezam em doenças de animais, poucas às vezes, segundo as fontes pesquisadas, esses homens rezaram em seres humanos, sendo que sua maior prática é em animais, podendo os mesmos curar animais rezando pelo seu “rastros”. Percebemos assim, a memória e o conteúdo histórico que têm esses indivíduos.

Meu fio eu me alembro dum negocio engraçado, um homi veio aqui em casa me pedir pra rezar no bicho dele que tava sumido, eu pedi que ele me dissesse como era o bicho, ai ele me disse que era da cor de açúcar queimado, ai comecei a rezar pelo bicho só pelo que ele me disse, depois dums dia o homi veio aqui em casa reclamar por que o bicho tinha morrido, ai eu perguntei como o bicho era, ele me disse que era preto, ai falei pra ele, você me disse a cor do bicho errado, rezei pra um bicho da cor de açúcar queimado então morreu o preto que eu era pra ter rezado.

Queremos refletir a contribuição que essas mulheres e homens deram para a formação dos saberes populares no município de Jaguaruana e no vale do Jaguaribe, a construção social, a participação na formação da família e a constituição no crer em rezas e plantas. Percebemos que no período em que não existiam hospitais ou postos de saúde, elas eram a única alternativa de cura dos problemas, também no caso dos homens por não existir na cidade médicos veterinários eles eram a cura e remédio para os animais.

Pensamos na garantia da permanência da memória desses sujeitos sociais, pois a fonte histórica a ser utilizada são entrevistas feitas com rezadeiras e curandeiros das comunidades de São José do Lagamar, Giqui e Antonópolis. São eles detentores de uma memória bem constituída, de lembranças que não foram por eles esquecidas, podemos

citar como exemplo a rezadeira Maria São Pedra da Silva, 92 anos, residente na comunidade de Giqui, em uma entrevista, feita no dia 20/04/2013, me contou com riqueza de detalhes um parto que realizou aos 35 anos, seu filho de criação Jesus da Silva, a mãe da criança morreu durante o parto e ela o acolheu como seu filho. Outra questão que nós podemos levantar é que uma parte significativa das rezadeiras, também exercia a função de parteiras, o que torna o fazer delas mais dinâmico ainda.

Meu fio é muito bom isso que você ta fazendo, eu pensei de morrer e nunca ninguém vim fala comigo sobre eu ser curandeira, eu queria morrer mais deixar algo escrito sabe, no papel, por que a gente fala com o povo de hoje agora, ai depois dums minutim o povo já tem esquecido de tudo, ai se tiver escrito no papel eles num vai esquecer né.³

A riqueza das manifestação populares em Jaguaruana nos levam ao encontro e fascínio com as artes de curar, suas rezas, ritos e a fé daqueles que por ele (a)s são curados. As práticas de cura assumem uma finalidade social, que é trazer a cena esses indivíduos que impulsionaram a formação daquilo que chamamos medicina popular, por despertar na população o censo de crer em algo que transcendem sua vida e que pode resolver os seus problemas e fazer com que essas memórias não sejam esquecidas e apagadas da mente de todos os que participaram desse desenrolar da história. (MONTENEGRO:2004, 68)

Conhecer e produzir uma história capaz de apreender as diferentes instâncias da realidade de comunidades rurais, sem incorrer em equívocos de uma historiografia convencional, reconhece-se a necessidade de inserção “na dinâmica cultural da comunidade para compreender a participação dos sujeitos nos processos históricos.

Algo que nos chama atenção são os meios pelo qual esses curandeiros são recompensados pelos seus feitos, pois um médico não trabalha sem receber remuneração alguma ou baixa remuneração, o “médico popular” não espera daquele que recebeu a cura nenhuma gratificação ou pagamento, o que ocorre na verdade é uma pequena retribuição pelos seus feitos, tido que os mesmos não recebem remuneração em dinheiro ou coisa parecida, os mesmos esperam a gratidão das pessoas, simplesmente, sendo que os agentes da cura recebem alimentos e coisas que são necessárias a sua vivencia cotidiana, que fazem assim os mesmo receberem o maior reconhecimento de pessoas simples e pobres, aproximando as necessidades do povo as soluções trazidas pelos curandeiros, sendo assim, os mesmo exercem na comunidade e no espaço que

1Entrevista concedida por Maria São Pedra da Silva, “Maria Simão” de 93 anos da comunidade de Giqui em 20 de Março de 2013

residem forte senso de liderança, buscando ajudar e solucionar os problemas da população. (SALES: 2007, 278).

Fugindo à fácil crítica a cerca da sobrevivência de tais práticas, e da eficácia ou não de seus gestos, é importante percebermos a rezadeira não como sombra de atraso científico, mas como uma espécie de psicóloga, que, pelo menos, ameniza o sofrimento espiritual ou psicológico de pessoas doentes. As rezadeiras também são fortes líderes em suas comunidades, por isso não deveríamos combater-las, mas aliarmos a força de lideranças que essas pessoas exercem junto aos programas governamentais de saúde preventiva, pois fé e medicina sempre estiveram muito próxima na cultura popular

Despertar em nós a necessidade de se conhecer e se conceber o que essas pessoas fazem é de suma valia, compreendendo o espaço que há na historiografia nacional e, principalmente, do vale do Jaguaribe. Percebemos que é um ramal da história que cresce constantemente, com pesquisas que buscam refletir sobre essas práticas e os fazeres desses indivíduos. Existe um impasse, pelo menos no vale do Jaguaribe de se desenvolver pesquisas referentes a essa temática, os acadêmicos não estão interessando-se talvez por achar que seja uma temática não tão atrativa.

Encontramos apenas o ínfimo número de duas pesquisas que tratam essas práticas no Vale do Jaguaribe, citamos esse espaço por Jaguaruana se encontrar geograficamente situado no vale, são elas uma pesquisa de graduação de Paulo Vitor Nogueira de Oliveira realizada em 2009, intitulada “A vela que ilumina o enfermo: redescobrimo o encantamento e os símbolos de fé - Práticas de reza e cura em Morada Nova – CE”, e uma dissertação de mestrado do programa de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2004 de José Josberto Montenegro Sousa, intitulado “Cultura e Saberes Populares em comunidades rurais do Vale do Rio Jaguaribe, Ceará”.

Citamos em ser um número ínfimo pela existência de uma unidade no interior da Universidade Estadual do Ceará-UECE, a Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos-FAFIDAM com a existência de um curso de história, onde o desenvolvimento de pesquisa deveria abranger diversas áreas do conhecimento, assim sendo, tomamos esses curandeiros como fonte de pesquisa para que não possam suas memórias morrer e ir junto à “carroça da morte” no dia final de suas vidas.

As práticas de cura e a historiografia no Vale do Rio Jaguaribe

O autor toma como foco de sua pesquisa o Vale do Jaguaribe, que seria uma grande porção de terra, dividida ou banhada por um afluente chamado rio Jaguaribe,

mas seu foco se fecha mais ainda delimitando o espaço de sua pesquisa no município de Limoeiro do norte, tomando algumas comunidades distantes da cidade como locos da pesquisa, nessas comunidades se desenvolveram práticas populares de cura e saberes populares que ao seu modo de ver eram necessários serem estudados. São comunidades rurais onde o saber se propaga com maior êxito pela oralidade, onde as vivências e o passado são marcados por uma carga de sentido histórico como nos fala Montenegro, (MONTENEGRO: 2004,55)

A cultura popular seria a afirmação, nesse campo permanente de tensões – onde se encontram e se confrontam diferentes modos de vida, travam-se disputas pela conquista de espaços, materializadas em estratégias de sobrevivência dos sujeitos – “das formas e atividades cujas raízes se situam nas condições sociais e materiais de classes específicas”.

Analisando suas crenças, rituais e formas de transmissão. Em um primeiro momento o autor analisa a literatura existente e produzida no Ceará por não historiadores, toma os folcloristas como ponto inicial, depois levanta trabalhos desenvolvidos por historiadores como, Ivone Cordeiro, Djacir Menezes e Raimundo Girão. Tratar as práticas de cura numa dimensão simbólica, físicas e culturais é o que faz o trabalho de Montenegro, abordando as práticas e ofícios realizados por homens e mulheres reconhecidos em suas comunidades como portadores de saberes tradicionais populares e essenciais, sendo repassadas pela oralidade e reatualizadas constantemente. Percebendo assim que os saberes populares são de suma importância, eles por muito tempo foram os únicos paliativos para as dores e sofrimentos da população e os seus praticantes detentores de um conhecimento que não se pode perder e que o autor já deu sua contribuição para que isso não aconteça.

Inicialmente o autor faz um apanhado das pesquisas já produzidas no Ceará por folcloristas e historiadores, podemos perceber o quanto em certo modo o trabalho de Montenegro, em sua parte inicial vai ao encontro das teorias de determinismo ambiental, essa abordagem se dá pela presença de folcloristas, que veem os fatores climáticos como o atraso do povo cearense, a seca, o clima árido, se tornando sinônimo de rusticidade e primitivismo, assim como para os que no período da inserção do saber médico proclamavam que o atraso do povo brasileiro eram as suas práticas marginais e nelas se enquadravam as práticas de cura. As discussões proferidas iam de encontro ao projeto de desabilitar e tirar o crédito que tinham os curandeiros e tantos outros

“médicos populares”, querendo dar legitimidade à medicina e marginalizando as práticas de cura.

O autor usa o conceito de comunidade com base em Raymond Willians, que salienta as dificuldades de se conhecer uma comunidade, sendo ela um *locos* de pessoas e hábitos. Muitos que tomam determinada prática popular para uso em pesquisa pensam em aprender a realidade em sem conjunto e tomam como pressuposto aquilo que lhe fora relatado, um ponto falso, pesquisar deve ser o ato de analisar, perceber e construir saber a partir do que fora coletado, não pensar em esgotar todas as fontes e a historicidade do assunto. O autor deixa isso claro trabalhando esse conceito de comunidade.

O conceito de magia é empregado segundo o desenvolvido por Keith Thomas em *Religião e o declínio da magia*. Percebo que há entre os “médicos populares” uma má recepção com relação a misticismo, magia, ou mesmo associação com outra prática qualquer, em uma de minhas entrevistas perguntei a uma delas se acreditava em coisas do outro mundo, práticas do mal ou mesmo o que as pessoas chamam de “macumba”, para ela “existe sim, e tem um pessoal ai que faz mas eu num acredito e nem o que eu faço se parece com isso pois eu faço o bem as pessoas, minha cura é dada por deus e não por essas coisas do mundo”⁴ (sic) .

Para os praticantes de curas o que eles fazem é algo importante e bom para o homem, suas práticas segundo eles não se assemelham a qualquer outra, e é um dom dado por deus, elas foram designadas para aquele serviço. Sendo assim, o conceito de magia pode ser viável para a pesquisa de Montenegro, mas em minha pesquisa de modo particular não, pois devemos perceber como eles se nomeiam, de curandeiros e mesmo rezadeiras e não mágicos e possivelmente “charlatães”. Ao tratar das comunidades de Limoeiro do Norte, o autor enfatiza a importância que os mesmos tem para a população rural ou mesmo citadina, que às vezes vem a sua procura. O que propõe a pesquisa em questão é uma nova proposta de perceber as práticas populares ou a cultura de um povo, um outro olhar sobre as curas realizadas por agentes de saberes e conhecimento, que junto a uma comunidade ou espaço social e geográfico dão legitimidade aos seus conhecimentos .

Entrevista concedida por Maria São Pedra da Silva, “Maria Simão” de 93 anos da comunidade de Giqui em 20 de Março de 2013.

As enfermidades são contraídas, os males são diversos, os sintomas muito fortes e a busca pela cura necessária. Pesquisar as práticas populares de cura e suas associações com as práticas mágicas é o objetivo da pesquisa de Paulo Vitor Nogueira de Oliveira. O título da pesquisa de Paulo Vitor nos levam a perceber as características que iremos encontrar em seu estudo, pois a vela que o mesmo usa com título para a pesquisa é um adereço usado nas rezas de Maria Média, curandeira da cidade de Morada Nova ao qual o mesmo utiliza como fonte.

A pesquisa se passa na cidade de Morada Nova, Ceará, pertencente ao vale do Jaguaribe, conhecida como a terra do vaqueiro, nesse ambiente se passam as tramas do estudo do mesmo, sendo que o mesmo não define uma temporalidade, seja esse talvez esse o primeiro dos equívocos desse trabalho, pois ao definir uma temporalidade podemos traçar metas para o trabalho e a partir daí desenvolver bem a pesquisa, nossa temporalidade não está muito bem definida ainda por percebermos que devemos tratar da história de vida desses indivíduos, sendo assim nossa pesquisa irá fechar nos anos de 1940 a 1980 quando da chegada do hospital público e dos postos de saúde nas três comunidades rurais da cidade de Jaguaruana, se justifica trabalhar a história de vida desses indivíduos por acharmos que sua história e sua formação como humanos são necessárias serem estudadas para compreender suas ações como curandeiros. (JACINTO: 2003, 146)

Para apreender culturalmente modos de vida e meios de sobrevivência de sertanejos, buscou-se compreender os significados de práticas e ofícios realizados por homens e mulheres reconhecidos em suas comunidades como portadores de saberes tradicionais populares: rezadeiras, curandeiros, benzedeiros, parteiras e profetas. Os agentes destas práticas populares tradicionais apreendem, reelaboram e transmitem seus saberes através de gerações por meio de interações sociedade/natureza/cultura.

Percebemos as discussões sobre ciência e razão, ciência e magia, tendo como ponto para o autor a crise da razão a crise da razão, algo que caracteriza após-modernidade, mostrando-nos a busca do homem pelo infinito, aquilo que está além de nós, as satisfações imediatas. Percebemos uma características que leva o trabalho de Paulo Vitor a se tornar mais estranho e diferente do nosso, para o mesmo a práticas de cura estão muito ligadas a bruxaria e as práticas tidas como ilegais pela igreja e mesmo pela sociedade de determinada época, em nossa pesquisa percebemos que não há essa associação, pois entrevistamos o pároco da cidade de Jaguaruana Padre Raimundo Barbosa e o mesmo não “acho que não exista mal nas práticas de curandeirismo eu

mesmo já procurei uma delas para rezar em um de meus afilhados”⁵ e como também nos fala Rios, (RIOS: 2001, 71).

O saber científico procurava disseminar a legitimidade da ciência em um universo que apresentava, muitas vezes, uma teimosa resistência às formulas científicas, ancorada na fabricação dos ‘remédios caseiros’ ou na prática das benzedoras. Atacar a benzedura foi uma das estratégias encontradas pela indústria farmacológica, que tentava atingir a cidade e os confins do sertão.

Os conceitos de Edgar Morin são usados constantemente no trabalho de Paulo Vitor. O mesmo faz um breve levantamento sobre as doença e enfermidades recorrentes em Morada Nova que se assemelham muito as que tratamos em nossa pesquisa, quebranto, espinhela caída, disenteria, olho gordo, cobreiro e entre outras não há muita distinção nas doenças só apenas nos modos de curar, como vamos perceber até velas são usadas nas curas em morada nova, a senhora curandeira Maria Média as usa em várias ocasiões dependendo da doença

Em seguida o mesmo percebe as relações da religião com a cura, querendo levantar novamente a associação tida por nós como não existente entre magia e religião, misticismo e simbolismo sim, mas magia para nós não. A cura para o mesmo seria uma manifestação da magia, cabe ressaltar que o mesmo se viu influenciado por suas crenças não religiosas, visto que o mesmo se declara ateu e não acreditar na capacidade de veracidade que os indivíduos dão a religião e mesmo as práticas de cura, talvez tenha sido por isso a sua associação com religião, magia, cura etc. sendo que para o mesmo curandeirismo e mesmo a cura seria uma manifestação magica, com poderes sobrenaturais e inexplicáveis onde não há a fé do que recebe a cura, tornando-se um mero quadjuvante na cena da história.

A formação do curandeiro é outro ponto que surge aqui, o mesmo busca perceber a forma como se constitui um curandeiro na cidade de morada nova, percebendo o repasse dos saberes, para o mesmo os saberes são apenas repassados oralmente, onde os indivíduos escutam as orações e as reproduzem sem dar a eles as características que encontramos, pois para alguns ou a maioria dos nossos entrevistados a cura veio para os mesmo por meio de deus, um dom que lhes fora dado e que deus os confiou para que pudessem fazer o bem aos outros, sendo assim os saberes e repasses

Padre Raimundo Barbosa é pároco de Jaguaruana a 6 anos e para eles as curandeiras são algo importante para a população manter a fé, sua associação com o catolicismo faz com que o mesmo as conceitue bem.

orais transformam-se em secundários e assumem uma característica apenas alusiva ou representativa dos saberes e das artes de curar.

Outra característica que encontramos nessa pesquisa é o que intitulamos o “vai-e-vem dos saberes”, ou seja, se ao contrair uma doença ou um mal, o paciente busca por solução e alívio para determinado mal, o vai-e-vem acontece aí, pois para alguns o curandeiro é quem primeiro pode resolver esse mal, só pensando em procurar o médico após perceber que o mal não foi sanado, do mesmo modo ocorre quem vai ao médico, recebe medicação e cuidados e percebe que em nada essas práticas surtiram efeito. Esse vai-e-vem está muito presente em nossa pesquisa, mas a procura pelos curandeiros primeiro em determinada parcela da população nos faz inferir que para determinados males, a procura do curandeiro se faz de imediata e em primeiro do que a medicina institucional, se o curandeiro consegue sanar o mal que se passa, o mesmo doente não procura a medicina por perceber que já está curado, nisso evidencia Sales.(SALES:2007, 23)

O doente que procura uma rezadeira com ela partilha a ideia de que, através da reza, a cura será obtida. Essa ideia é calcada nas informações culturais de ambos. No entanto, se levássemos uma pessoa que nunca viu uma benzedura, ela poderia até desconfiar de que tal performance poderia ser na verdade, um ato de cura, mas certamente, não teria o mesmo grau de compreensão do que uma pessoa que compartilhasse sócio-culturalmente esses valores e conhecimentos

Findando sua pesquisa, o autor trata de fazer um levantamento do curandeirismo no século XXI, percebendo suas características, permanências, rupturas e adaptações, levando em conta suas características atuais e os desdobramentos que tomaram as práticas de cura. Em nossa proposta para o desenvolvimento da pesquisa, queremos ao final abordarmos os indivíduos que dão continuidade a essas práticas, são elas mulheres de idade entre 50 e 60 anos que despertaram para as práticas de cura, não deixando na modernidade essas artes morrerem ou simplesmente ficarem na memória de tantas pessoas que vivenciaram essas curas.

Os novos curandeiros: “As práticas de cura que não vão na carruagem da morte”.

Para nós estudarmos as curandeiras e a manutenção dessas práticas é fundamental, sendo tratado como a questão de novos curandeiros, tendo em vista que estamos em uma sociedade em constante mudança e que as manifestações populares estão sendo esquecidas, ou mesmo tomando outros recortes, o surgimento de “novas mulheres e homens”, que rezam e curam é uma questão que devemos pensar, do mesmo modo perceber como os “mais antigos” se iniciaram na cura. Por que ela(e)s começaram a

curar? São autodidatas? Como ela (e)s se veem como construtor (e)as do saber popular? E qual a aceitação del(e)as junto à comunidade em referência das mais “velhas”? Isso é de grande relevância, e um trabalho como esse vem a contribuir com o conhecimento que temos sobre determinado tema. Também compreender no período, o possível surgimento de nova (o)s curandeiros, buscando perceber como despertaram para o curandeirismo, será um “Dom” ou repasse de saberes? Por isso se faz de grande importância essa pesquisa, por tratar de indivíduos que são pouco notados pelo mundo acadêmico, ou seja a medicina, mas creditados pela população, Jacinto nos diz que faremos assim com que sua historicidade não se perca.(SANTOS:2009, 8)

Para apreender culturalmente modos de vida e meios de sobrevivência de sertanejos, buscou-se compreender os significados de práticas e ofícios realizados por homens e mulheres reconhecidos em suas comunidades como portadores de saberes tradicionais populares: rezadeiras, curandeiros, benzedeiras, parteiras e profetas. Os agentes destas práticas populares tradicionais apreendem, reelaboram e transmitem seus saberes através de gerações por meio de interações sociedade/natureza/cultura.

A referida pesquisa apresenta uma característica do Nordeste Brasileiro, a crença do povo nas práticas de cura populares. História contada por Homens e mulheres do campo que, com suas rezas, orações e curas, buscam minimizar o sofrimento daqueles que padecem com alguma enfermidade. As práticas de cura no Brasil remontam ao período da colônia, onde barbeiros e cirurgiões-barbeiros estavam curando a partir de meios médicos, e os curandeiros realizando sangrias e rituais para aplacar o sofrimento de quem padecia. Nesse período, percebemos o início das disputas entre médicos e curandeiros, no Brasil, um procurando aceitação e outra resistência. As práticas de cura remontam da Idade Média, onde mulheres produziam chás com ervas medicinais e que pelo poder da igreja eram condenadas a morte, por serem classificadas de bruxas, desde esse período as práticas de cura são caracterizadas como “marginais”.

As rezadeiras e os curandeiros tiveram e tem papel fundamental na formação das comunidades rurais, pois no período em que não existiam postos de saúde, hospitais ou mesmo o saber médico institucional, eram o único meio pelo qual a população poderia sanar problemas que advinham no corpo.

Em 4 de agosto de 1981, eram inaugurados nas comunidades de São José do Lagamar e Giqui, as unidades de saúde ou popularmente chamados de SESP's, em referência ao Serviço Especial de Saúde Pública-SESP, criado na 2º Guerra mundial pelo governo Brasileiro em conjunto com o Norte-Americano, que tinha como

finalidade aproximar os serviços médicos a partes distantes e de difícil acesso . Na comunidade de Antonópolis, a unidade de saúde não foi estabelecida no mesmo período das outras, o governo municipal compreendeu que a população da referida comunidade poderia ser atendida em São José, distantes 3 km de Antonópolis. Rios evidencia assim,(RIOS:2001,45)

O saber científico procurava disseminar a legitimidade da ciência em um universo que apresentava, muitas vezes, uma teimosa resistência às fórmulas científicas, ancorada na fabricação dos “remédios caseiros” ou na prática das benzedeiras. Atacar a benzedeira foi uma das estratégias encontradas pela indústria farmacológica, que tentava atingir a cidade e os confins do sertão.

Nossa fonte na realização dessa pesquisa, digamos primária, é a fonte oral, pelo foco da nossa pesquisa ser as memórias dos curandeiros, ela será a mais usada, não que fiquemos restritos a essa fonte, poderemos na caminhada da pesquisa encontrar e mesmo usar fontes escritas, como documentos da Prefeitura de Jaguaruana que atestam a criação do Hospital Maternidade Nossa Senhora da Expectação, ou seja, o Hospital Público Municipal e dos SESP's, ou seja, Sistema Especial de Saúde Pública, das comunidades de São José do Lagamar e Giqui e posteriormente o de Antonópolis, que são o espaço de nossa pesquisa. Estamos tentando o acesso a essas fontes no Arquivo Público Municipal, mas estamos encontrando dificuldades pelo próprio órgão que rege o arquivo. Essa fonte é importante para nós, por que iremos perceber o meio social que foram criadas essas instituições, como os recursos foram aplicados, quais as justificativas para tal empreendimento e qual a aceitação desses órgãos por parte da comunidade Jaguaruanense.

Tratar de questões a cerca do que se concebeu chamar de “cultura popular” é algo que se faz de grande necessidade, por destacar características de uma dada população, aglomerado de pessoas ou povo, que desenvolveram técnicas e fazeres que se propagam por todo um tempo, sofrendo adaptações que chegam aos “nossos dias”.

Trataremos de fazer uma análise das memórias desses indivíduos, com sua cultura e saberes, nas comunidades rurais do Vale do Jaguaribe, Ceará. Em uma análise parcial, apenas da titulação dada a produção, já podemos identificar questões que são fundamentais. Desde já, percebemos que a cultura e os saberes produzidos no Vale do Jaguaribe, são plurais o que podemos chamar de outra cultura, outro saber, as práticas populares em contraposição as chamadas eruditas, são os saber fazer do povo. As

práticas desenvolvidas por populares, em comunidades rurais, afastadas do âmbito urbano, que ganham um caráter de popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Durval Muniz Junior. **História a arte de inventar o passado- Ensaio de teoria da história**, Bauru- SP, EDUSC , 2007.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 51-68 (“A história, os homens e o tempo”).

CUNHA, Carlos Alberto Miranda. **A arte de curar nos tempos da colônia Limites e espaço da cura, Recife**, Fundação de cultura cidade do Recife, 2004.

CHALHOUB, Sidney. **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Editora da UNICAMP, São Paulo, 2003

JACINTO, Francisco Carlos Barbosa. **Lembranças de curas: rezadores, mezinheiros e parteiras do sertão central. Ceará, O público e o privado**, Universidade Estadual do Ceará, 2003.

MONTENEGRO, José Josberto Sousa. **Cultura e saberes populares em comunidades rurais do vale do Jaguaribe, Ceará**. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História Oral diferente**. Revista do programa de estudos pós-graduados em história e do departamento de história, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

ROCHA, Jorge Moreira. **Como se faz medicina popular**. Petrópoles: Vozes, 1987. p. 40.

RIOS, Kênia Souza. **Campos de concentração no Ceará: Isolamento e poder na seca de 1932**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secult- CE, 2001.

SALES, Cristiane Maria Pimentel. **Rezadeiras–uma fé popular**. Ceará, OPSIS, 2007.

SANTOS, Cláudia da Silva. **Rezadeiras: guardiãs da memória**. Bahia, V ENECULT, 2009.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis, **Nas trincheiras da cura, as diferentes medicinas no rio de janeiro imperial**. São Paulo, Editora da UNICAMP, 2001.